

Ocupação da Idade do Ferro

CARLOS TAVARES DA SILVA

Esta fase encontra-se representada na RAJG. 19 somente pelas Camadas 11 a 13 das Sondagens A-B e Camadas 10 e 11 da Sondagem D; na Sondagem C e em grande parte da D, os níveis sidéricos foram completamente destruídos por intensa erosão natural.

Estruturas arquitectónicas

Foram identificadas apenas duas estruturas pertencentes à ocupação da Idade do Ferro: o “forno de pão” dos Qs. I-J/6 (Sondagem D), designado por Estrutura I6, e o muro do Q. H6 (Sondagem D) – Estrutura H6 (Figs. 1 e 2).

“**Forno de Pão**”. – Trata-se de uma estrutura em arco (o respectivo círculo teria cerca de 2,7m de diâmetro externo); prolonga-se sob a parede sul do edifício actual; o segmento que a escavação pôs a descoberto possui 2,2m de corda e 0,6m de flecha. Esta estrutura é constituída por uma base com 0,2m de altura formada por blocos de arenito ferruginoso, por vezes rolados, e de calcário, revelando vestígios de terem sofrido acção do fogo, de dimensões maiores na periferia, onde chegam a atingir 0,5m de dimensão máxima, e menores na área central. Esta base pétreo assentava no topo da C.11 da Sondagem D; era coberta, na zona central, por nível, com cerca de 0,05m de espessura, de sedimento argilo-arenoso

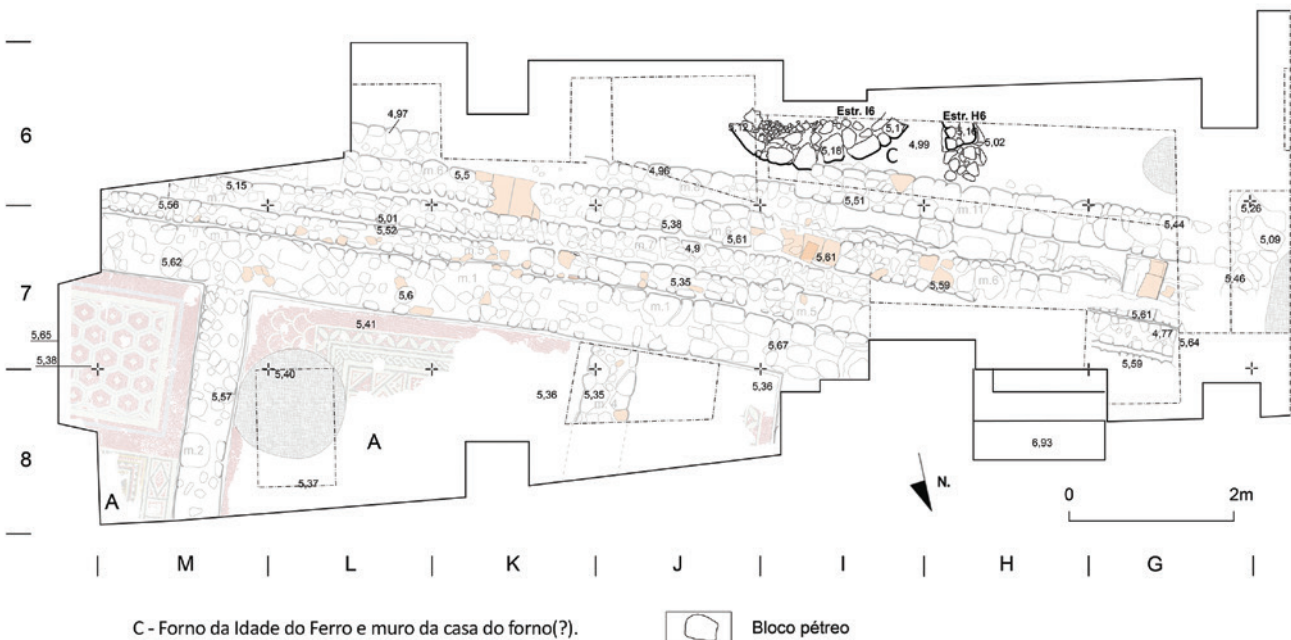


Fig. 1 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Planta geral da área escavada, sendo destacadas as estruturas da ocupação da Idade do Ferro: Forno I6 e Muro H6. Levantamentos de Jorge Domingos Costa e Júlio Costa.



Fig. 2 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Planta da área posta a descoberto do Forno I6 e Muro H6. Levantamento de Júlio Costa.

avermelhado e concrecionado por acção do fogo, contendo pequenos carvões dispersos e integrando numerosos fragmentos de cerâmica da Idade do Ferro, dispostos horizontalmente, alguns deles revelando também terem sofrido acção do fogo (C. 10B).

A reduzida área posta a descoberto forneceu 72 fragmentos de cerâmica em que predominavam os de dimensão máxima compreendida entre 51 e 100mm (35 exemplares), seguindo-se os de $>25 \leq 50$ mm, com 29; os de dimensão máxima inferior ou igual a 25mm e os $> 100 \leq 150$ mm estavam reduzidos, respectivamente, a 5 e a 3 exemplares; distribuíam-se pelas seguintes grandes categorias cerâmicas: cerâmica cinzenta orientalizante (5 fragmentos), cerâmica comum ao torno (11), ânforas (20), cerâmica manual (28); indeterminada (8).

A parte superior deste presumível forno foi totalmente destruída pela formação de extensa fossa (C. 3C dos Qs. H-I/6, Sondagem D).

Estruturas similares à nossa são relativamente raras na Idade do Ferro da Península Ibérica. Mas podemos referir paralelos muito estreitos quer para o período orientalizante quer para o mundo ibérico. Assim, por exemplo, no povoado orientalizante de El Palomar, em Oliva de Mérida, Badajoz, foram re-

gistadas oito estruturas muito semelhantes à nossa, com cerca de 2m de diâmetro, dispersas pela área habitada, tendo sido interpretadas como bases de celeiros (Jiménez Ávila & Ortega Blanco, 2001, p. 231-232); na Oretania, nos povoados dos séculos IV-III a.C. de Alarcos (Ciudad Real), Calatrava la Vieja (Carrión de Calatrava) e Cerro de las Cabezas (Valdepeñas), onde chegam a atingir, como a nossa, 3m de diâmetro, foram interpretadas como fornos de cozer pão comunitários (García Huerta *et al.*, 2006).

Estrutura H6. – A cerca de 0,5m para oeste da Estrutura I6, surge o troço de um muro designado por estrutura H6, de orientação aproximadamente norte-sul, com *ca.* 0,4m de espessura, construído com blocos de arenito ferruginoso (por vezes rolados) e de calcário ligados por argila; foi destruído em altura pela fossa (C.3C) dos Qs. H-I/6; fundou-se na C. 11 (Sondagem D).

Artefactos cerâmicos

Como dissemos anteriormente, ficou patente, pela descrição das sequências estratigráficas (Tavares da Silva, neste volume), que os níveis da Ida-

Quadro 1 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Distribuição das categorias cerâmicas do período orientalizante pelas sequências estratigráficas observadas nas Sondagens A-B e D da RAJG.19.

Cerâmica	Sond. A-B				Sond. D		Total
	C.11A	C.11B	C.12	C.13	C10	C.11	
Eng. vermelho	-	-	-	1	-	-	1
Cinz. orientaliz.	5	6	15	1	3	7	37
Oxid. tipo "gris"	2	1	7	-	-	-	10
Pintada	-	-	1	-	-	-	1
Comum ao torno	1	1	-	1	3	-	6
Ânforas	-	-	-	1	-	-	1
Manual	5	-	-	-	1	3	9
Total	13	8	23	4	7	10	65

de do Ferro foram muito afectados por fenómenos de abarrancamento ocorridos no decurso desse período. Assim, somente nas Sondagens A-B e D foi possível identificar alguns retalhos das formações correspondentes à ocupação sidérica do local. Por este motivo, os materiais arqueológicos da Fase I da RAJG.19 são, de um modo geral, muito escassos.

A cerâmica da Idade do Ferro analisada proveio, pois, das Sondagens A-B (Cs. 11A, 11B, 12 e 13) e D (Cs. 10 base – soleira do Forno I6 – e 11). Distribuiu-se pelas seguintes categorias (Quadro 1): de engobe vermelho orientalizante; cinzenta orientalizante; oxidante de tipo "gris"; pintada; comum ao torno; ânforas; e montada manualmente.

Cerâmica de engobe vermelho

Exumou-se um único exemplar (Sond. A-B, C.13). Trata-se de um fragmento de prato de bordo

em aba, revestido internamente por engobe vermelho (Fig. 3, nº 1¹). A sua morfometria² (D=210mm; Lb=55mm e D/Lb=3,8) parece indicar uma cronologia (convencional) situada na transição para o século VI a. C. ou mesmo no 1º quartel deste século, de acordo com a cronologia proposta para a Fase II de Abul A, na qual o nosso prato encontra bons paralelos (Mayet & Tavares da Silva, 2000, Quadro 6).

Cerâmica cinzenta orientalizante

Esta categoria cerâmica, a mais frequente nos contextos da Idade do Ferro da RAJG.19, distribuiu-se por todas as camadas arqueológicas correspondentes à ocupação sidérica, estando representada por quase todas as formas identificadas no estabelecimento fenício de Abul A³ (Mayet & Tavares da Silva, 2000). (Quadro 2).

A forma Abul II (Figs. 3, nºs 9-12, e 4, nºs 13-20), ou seja, o prato/taça de bordo direito ou ligeiramente encurvado para o interior, por vezes com espessamento interno convexo (NMI=25) predomina nos níveis médios e superiores da sequência sidérica (Cs. 12, 11B e 11A da Sondagem A-B e C. 10 da Sondagem D), ao contrário do que se observou em Abul A, onde a Forma I (prato/taça de bordo em S) predomina em relação à II. É em Abul B, o santuário do final do século VI e do século V a.C., que a Forma II passa a dominar largamente, com 84,7% (NMI=342), cabendo à I somente 6,7% (MNI=27) (Mayet & Tavares da Silva, 2000, Quadros 10 e 22).

Na RAJG.19, a variante da Forma II mais frequente é a *af.* Abul IIC1, o prato/taça de bordo encurvado para o interior e com espessamento interno convexo. Trata-se da variante mais comum quer em

1 - A numeração a negro de cada peça corresponde ao número de Catálogo e da respectiva figura.

2 - D – Diâmetro da boca; Lb – largura do bordo. Os valores apresentados são aproximados devido à fragmentação do exemplar.

3 - Na análise dos materiais orientalizantes da RAJG.19, tomámos como principais referências as tipologias obtidas no estudo dos artefactos proporcionados por Abul, jazida que além de se encontrar na mesma área geográfica da RAJG.19 – o Baixo Sado – ofereceu contextos estratigráficos, de um modo geral, muito fiáveis.

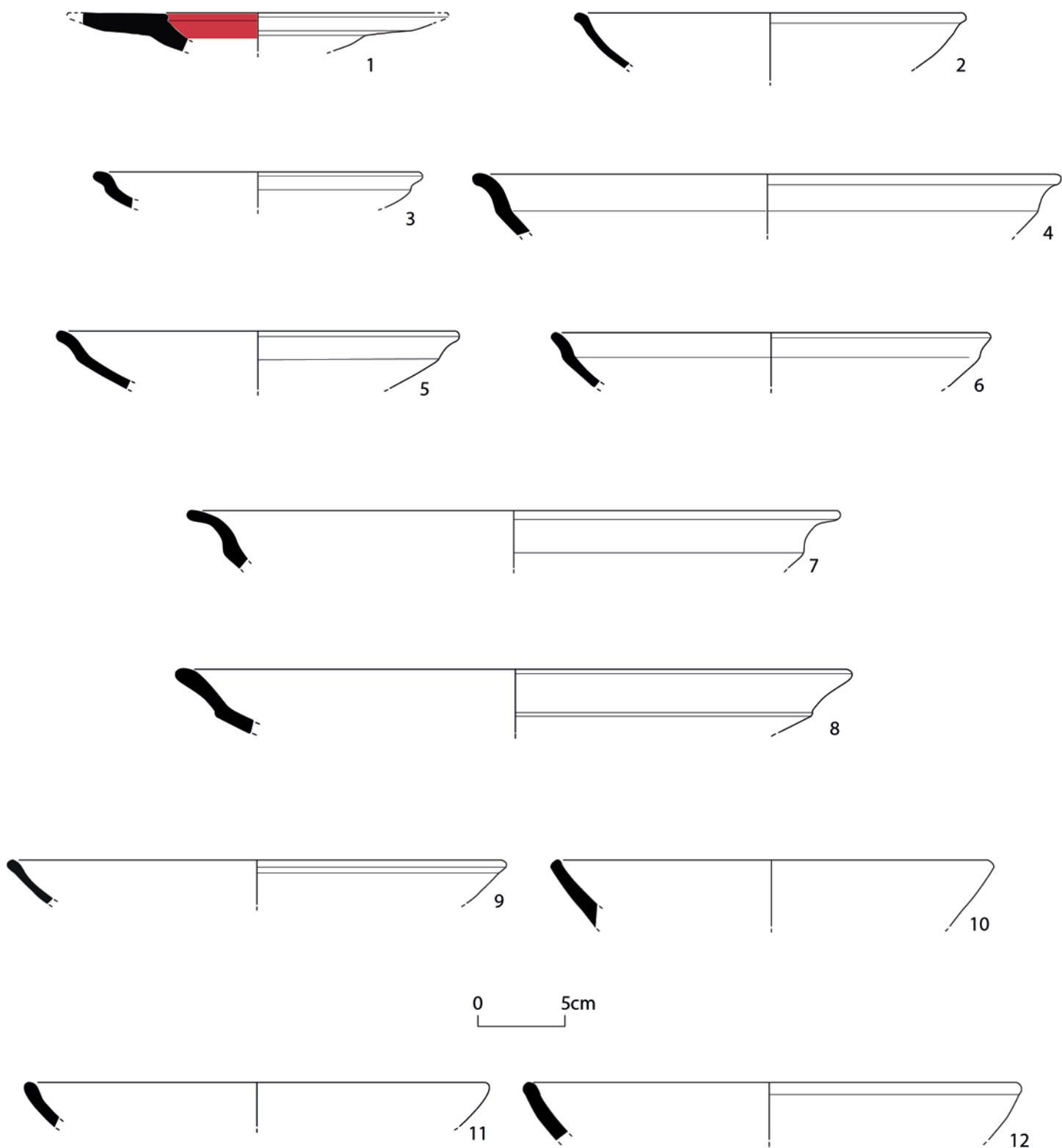


Fig. 3 - Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Cerâmica da Idade do Ferro: 1 - cerâmica de engobe vermelho; 2 a 12 - cerâmica cinzenta orientalizante. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Abul A quer em Abul B. É seguida, a grande distância, pelas formas *af.* Abul IIB2, IIA1 e IIA2.

A Forma Abul I – prato/taça de bordo em S – ocorre na RAJG.19 nas seguintes variantes: *af.* Abul IA2, IB1, IB2, IC1 e IC2 (Fig. 3, n^{os} 2-8).

Contamos somente com um exemplar da taça carenada Abul III, o qual se aproxima da variante IIIA e lembra formas do Bronze Final; proveio da C. 11 da Sondagem D (Fig. 4, n^o 21).

Além das formas abertas atrás mencionadas, surgiu na C.11B da Sondagem A-B o fragmento de um recipiente talvez fechado: bordo com acentuado espessamento externo de secção convexa e colo (?) cilíndrico (Fig. 4, n^o 22); parece ter pertencido, até pelo diâmetro da boca, a pote afim da urna D2 de Medellín, datada nesta necrópole da 2^a metade do século VII a. C. (Lorrio, 2008a, p. 710).

No que se refere aos fabricos presentes na nossa cerâmica cinzenta orientalizante, predominam, tal como em Abul A e B, os do grupo B (Quadro 3), isto é, os caracterizados por possuírem as superfícies cinzentas escuras ou negras, em geral polidas, sobretudo na variante em que a pasta, compacta e fina, tem o núcleo cinzento escuro ou negro (*af.* Abul B1); seguem-se, por ordem decrescente de frequência, no mesmo grupo, as variantes de pasta também compacta e fina, mas com o núcleo da fractura castanho-avermelhado (*af.* Abul B2) ou castanho-avermelhado com zona intermédia acinzentada ou negra (*af.* Abul B3). A principal diferença relativamente aos fabricos identificados em Abul reside no facto das pastas da RAJG.19 serem mais depuradas.

O grupo de fabrico A, caracterizado por as superfícies serem cinzento-claras e polidas está representado pelas variantes *af.* Abul A1, A3, A4 e A5; também neste caso as nossas pastas se mostram mais depuradas. O núcleo é ou totalmente acinzentado (*af.* Abul A1 e A3) ou acastanhado/avermelhado (*af.* Abul A5), podendo alguns exemplares possuírem zona intermédia cinzento-clara ou bege (*af.* Abul A4).

Os fragmentos com fundo (Fig. 4, n^{os} 23-27), em número de 13, apresentam, de um modo geral, pé pouco destacado e base ligeiramente côncava (Quadro 4). Só três indivíduos, provenientes um da

Quadro 2 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Distribuição das formas de cerâmica cinzenta orientalizante por contextos estratigráficos (NMI).

Forma (cf. Abul)	Sond. A-B				Sond. D		Total
	C.11A	C.11B	C.12	C.13	C.10	C.11	
IA2	-	-	1	-	-	-	1
IB1	-	1	1	-	-	-	2
IB2	-	-	-	-	-	1	1
IC1	-	-	1	1	-	2	4
IC2	1	-	1	-	-	-	2
IIA1	-	-	1	-	-	1	2
IIA2	-	-	-	-	1	-	1
IIB2	-	1	-	-	1	1	3
IIC1	4	3	10	-	1	1	19
IIIA	-	-	-	-	-	1	1
Urna Med.D2(?)			-	1	-	-	-
Total	5	6	15	1	3	7	37

Quadro 3 – Rua António Joaquim Granjo, 19. Distribuição dos tipos de fabrico (segundo a classificação estabelecida a partir de Abul) da cerâmica cinzenta orientalizante por contextos estratigráficos (NMI).

Fabrico (cf. Abul)	Sond. A-B				Sond. D		Total
	C.11A	C.11B	C.12	C.13	C.10	C.11	
A1	1	-	2	1	1	1	6
A3	-	-	-	-	1	-	1
A4	-	-	2	-	1	-	3
A5	-	-	1	-	-	-	1
B1	2	4	4	-	-	6	16
B2	1	1	4	-	-	-	6
B3	-	1	3	-	-	-	4
Total	4	6	16	1	3	7	37

C.12, outro da 11B e o terceiro da C. 11A, da Sondagem A-B, têm o pé bem marcado, embora a base se mantenha ligeiramente côncava nos dois primeiros e nitidamente côncava no último. Este tipo está ausente no estabelecimento fenício de Abul A, ocorrendo no santuário dos finais do século VI e século V a.C.

Quadro 4 – Rua Antônio Joaquim Granjo, 19. Cerâmica cinzenta orientalizante Distribuição dos tipos (a partir da classificação obtida para Abul) de fundos por contextos estratigráficos.

Fundo	Sond. A-B			Sond. D		Total
	C.11A	C.11B	C.12	C.10	C.11	
1.2	1	-	2	-	-	3
2.2	2	1	2	1	1	7
3.2	-	1	1	-	-	2
3.3	1	-	-	-	-	1
Total	4	2	5	1	1	13

- 1.2 – Fundo de pé não marcado e base ligeiramente côncava.
 2.2 – Fundo de pé ligeiramente marcado e base ligeiramente côncava.
 3.2 – Fundo de pé bem marcado e base ligeiramente côncava.
 3.3 – Fundo de pé bem marcado e base nitidamente côncava.

De notar que na RAJG.19 são desconhecidos os pés anelares, comuns em Abul B, e que na necrópole de Medellín se desenvolvem entre o 2º quartel do século VI e meados do século V (Lorrio, 2008a).

Cerâmica oxidante de “tipo gris”

Tratada muito frequentemente no capítulo da cerâmica comum (cf. variante A da “cerâmica comum fabricada ao torno” da Trav. dos Apóstolos, em Setúbal – Soares & Tavares da Silva, 1986), a *cerâmica oxidante de morfologia afim da cerâmica cinzenta orientalizante (cerâmica de “tipo gris”*, assim designada por Lorrio, 2008b) é uma cerâmica fina, em geral de mesa, comum em contextos orientalizantes e pós orientalizantes quer da Andaluzia e Extremadura, quer da fachada atlântica ocidental da Península Ibérica. As suas formas são, com efeito, as da cerâmica cinzenta orientalizante; as pastas, muito depuradas, assim como o excelente tratamento das superfícies indicam que a sua função seria basicamente a daquela; as superfícies são, porém, de cor castanho-avermelhada clara, revelando ambiente de cozedura ou de arrefecimento oxidante.

Da RAJG.19 foram exumados 10 exemplares distribuídos pelas Cs. 12, 11B e 11 A das

Sondagens A-B (Quadro 1). Estão presentes as seguintes formas: prato de bordo quase rectilíneo, ligeiramente inclinado para o interior e com espessamento interno convexo (predomina); prato de bordo em S pouco acentuado; prato de bordo em S de tendência horizontal e prato ou taça de bordo em S e de bojo carenado (Fig. 5, nºs 28-32).

Os nossos exemplares oferecem pasta compacta e muito fina (raros e.n.p. visíveis a olho nú), fracturas regulares, paredes pouco espessas (3-4mm), superfícies muito bem alisadas, amarelo-avermelhadas (Munsell 5YR 6/4) ou rosa-claras (Munsell 7.5YR 7/3) e núcleo da cor das superfícies (cozedura totalmente oxidante) ou acinzentado entre zonas superficiais castanho-avermelhadas claras (cozedura redutora com arrefecimento oxidante).

Cerâmica pintada de bandas

Está representada por um fragmento de bojo com pintura de bandas vermelhas (Munsell 10R 5/6) horizontais, que teria pertencido talvez a um *pithos*, proveniente da C.12, Sondagens A-B. Fazendo parte, provavelmente, do mesmo recipiente, surgiu outro fragmento, de fundo sem pé destacado e acentuada concavidade no interior (Fig. 5, nº 33).

Este tipo de fundo, embora possa ocorrer em contextos dos séculos VII e VI a.C., é a partir do V que se nota o seu maior desenvolvimento, como se verificou em Abul B (Mayet & Tavares da Silva, 2000).

Em Santa Olaia é conhecido em *pithoi* que “poseen cuellos muy cortos, a veces inexistentes, anchos y de paredes curvilíneas” (Arruda, 2002, p. 234), características que, segundo a mesma autora, lhes confere datação relativamente tardia, dos finais do século VII e do século VI a-C.

Em Medellín, em urnas Tipo Cruz del Negro, o mesmo tipo de fundo está presente a partir do 2º quartel do século VII (Subtipo 1, em especial a urna 70/22-1 – Torres, 2008, p. 649-651), prolongando-se pelo século VI e atingindo o 1º quartel do século V a.C. através dos Subtipos 6 a 8, em que a concavidade do fundo é muito pronunciada (Torres, 2008, p. 649-651).

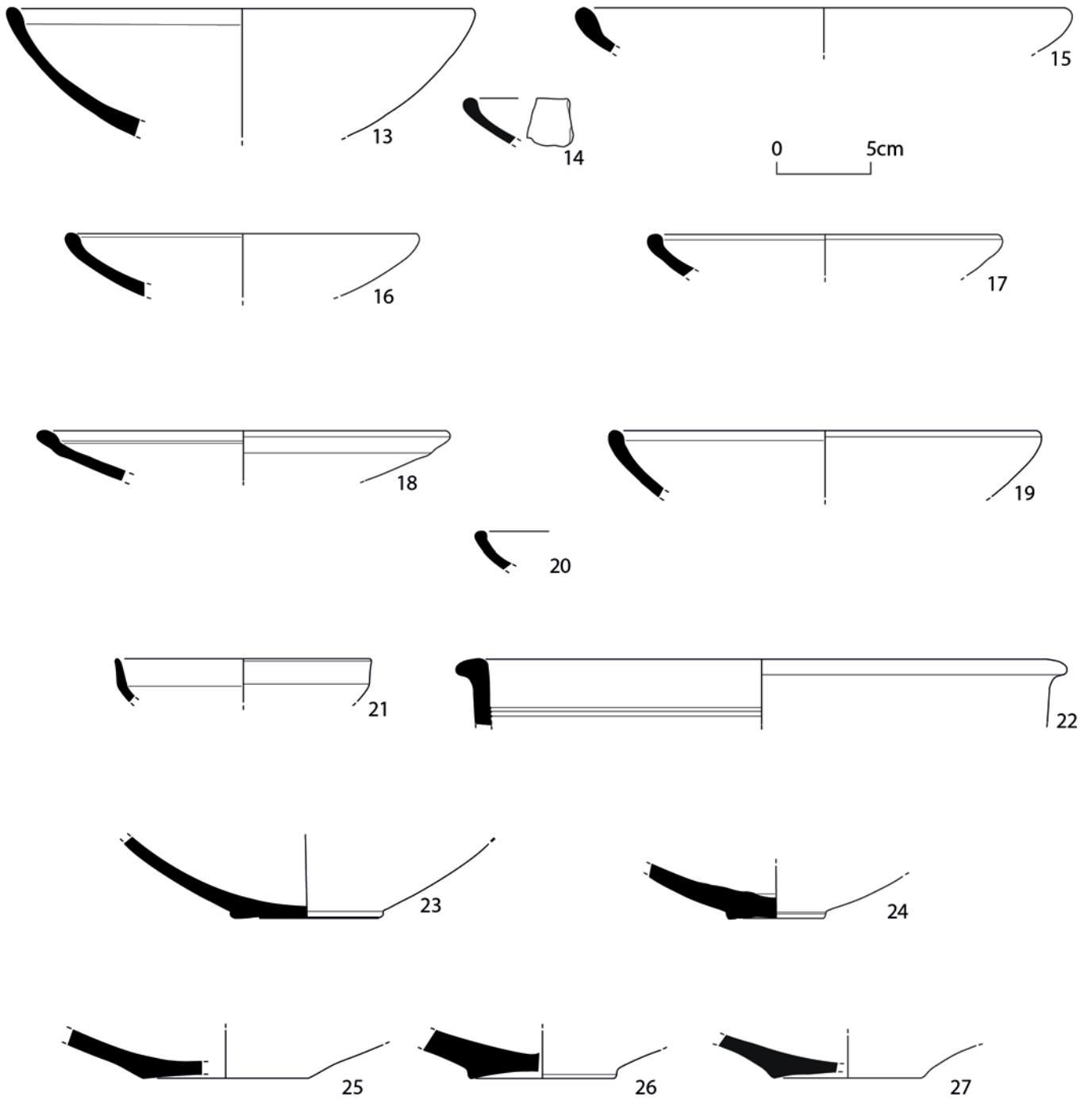


Fig. 4 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica da Idade do Ferro: 13 a 27 - cerâmica cinzenta orientalizante. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

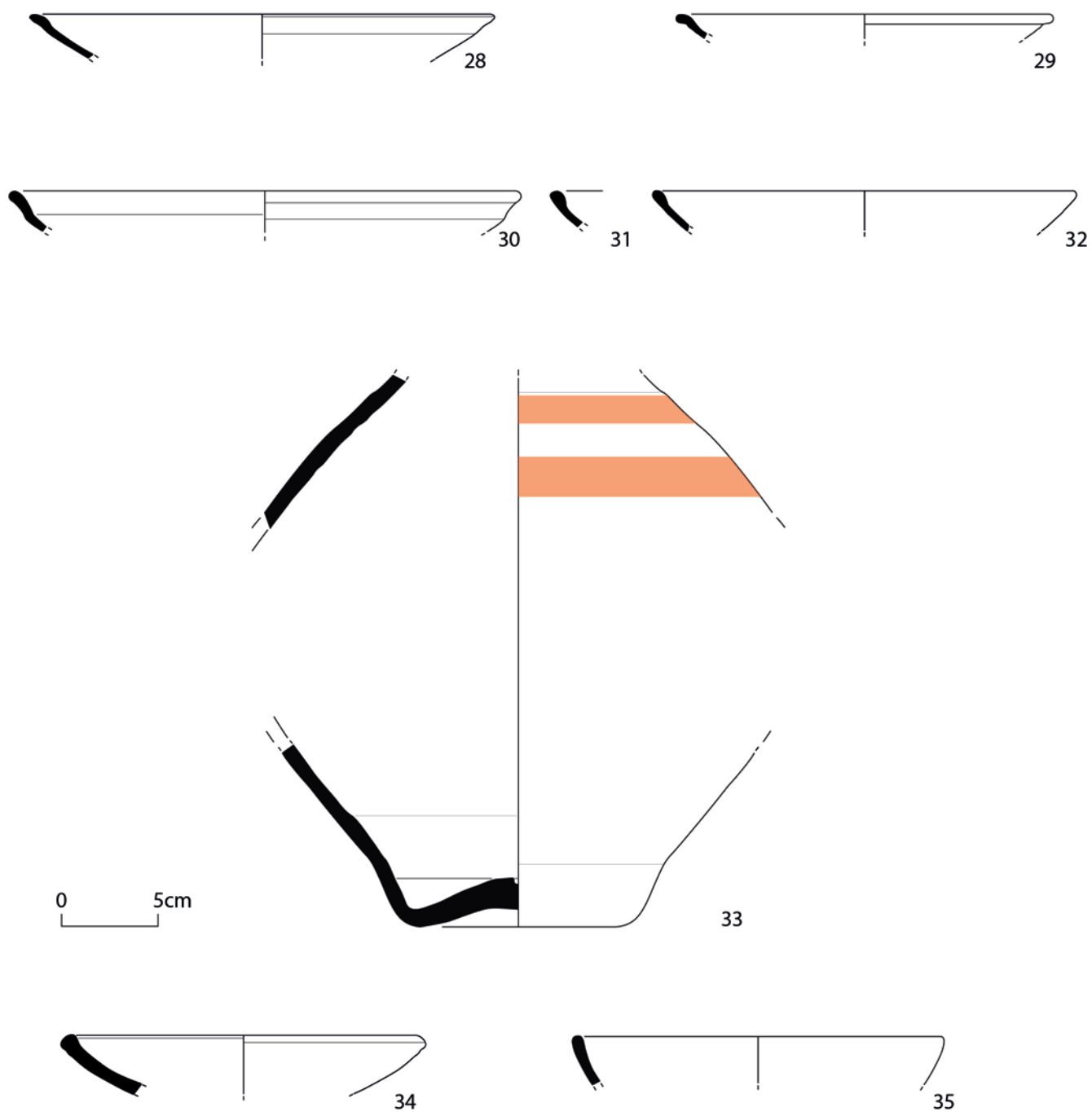


Fig. 5 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica da Idade do Ferro: 28 a 32 - cerâmica “oxidante de tipo gris”; 33 - cerâmica pintada de bandas; 34 a 35 - cerâmica comum ao torno. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

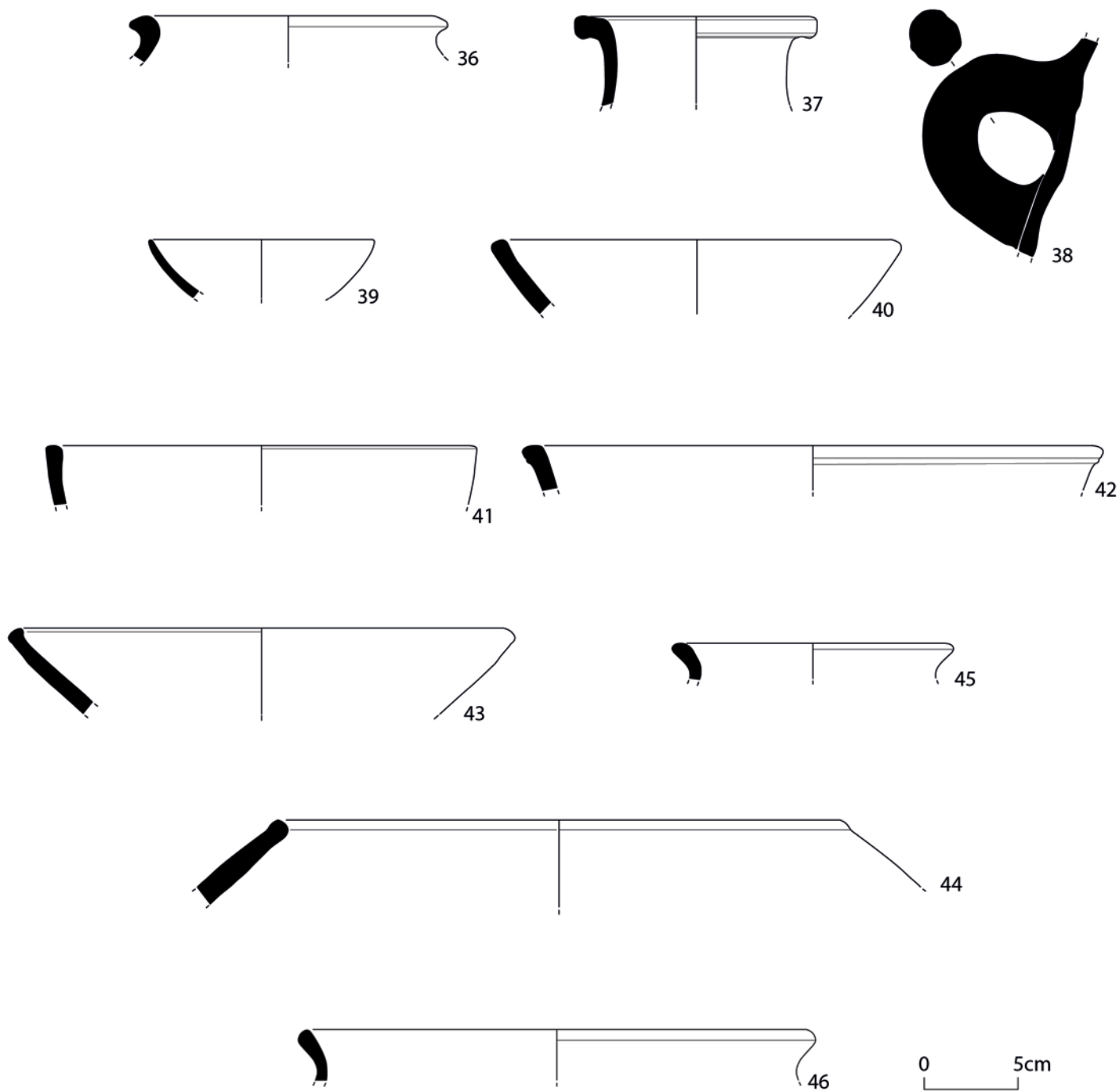


Fig. 6 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Cerâmica da Idade do Ferro: 36 e 37 - cerâmica comum ao torno; 38 - asa de ânfora; 39 a 46 - cerâmica manual. Desenhos de Teresa Rita Pereira.

Cerâmica comum ao torno

Há a registar o aparecimento de seis exemplares de cerâmica comum distribuídos pelas seguintes formas: prato (C. 11B, Sondagens A-B – Fig. 5, nº 34); tigela de bordo simples (três exemplares, C.10, Sondagem D – Fig. 5, nº 35); pote (?) de bordo com espessamento externo de secção triangular (C.12, Sondagens A-B – Fig. 6, nº 36); recipiente fechado de bordo espessado e colo alto cilíndrico (C. 11A, Sondagens A-B – Fig. 6, nº 37).

Cerâmica manual

A cerâmica produzida manualmente é muito escassa; está presente nas Cs. 11A da Sondagem A-B, o nível sidérico de formação mais recente da sequência estratigráfica observada nesta sondagem (NMI=5 – Fig. 6, nºs 39, 40, 43 e 44), e nas Cs. 10 (NMI=1 – Fig. 6, nº 46) e 11 (NMI=3 – Fig. 6, nºs 41, 42 e 45) da Sondagem D. Destes níveis, o mais antigo é certamente o 11 da Sondagem D.

Discussão

Quando em 1984 escavámos na Travessa dos Apóstolos, na encosta noroeste da colina de Santa Maria, identificámos pela primeira vez, em Setúbal, estratos da Idade do Ferro. Propusemos então três fases de ocupação (Soares & Tavares da Silva, 1986).

O estudo da primeira fase revelou abundante cerâmica manual (84,3%), tipologicamente na tradição da do Bronze Final do Centro e Sul do País, e escassos materiais produzidos ao torno de que se destacavam as cerâmicas cinzenta e de engobe vermelho.

No estrato da 2ª fase, esta situação invertia-se, com a cerâmica montada ao torno, orientali-

zante (ânforas fenícias, cerâmica cinzenta e de engobe vermelho, entre outra) a atingir 76,1%, mantendo-se a de fabrico manual na tradição da do Bronze Final.

Na 3ª fase, as ânforas fenícias eram substituídas por tipos que Pellicer (1978) integrou no Ibérico inicial do Cerro Macareno; a cerâmica de engobe vermelho orientalizante dava lugar à então designada “ibero-tartéssica” da classificação de Quadrado.

A Fase I desta sequência foi datada, com base sobretudo na elevada frequência da cerâmica manual, do final do século VIII a.C./1ª metade do século VII a.C.; a Fase II, da 2ª metade do século VII/ 1ª metade do século VI a.C. e a Fase III, dos finais do século VI e dos séculos V-IV a.C. (Soares & Tavares da Silva, 1986; Tavares da Silva, 2001).

Na RAJG.19, no sopé da encosta sudoeste da colina de Santa Maria e nas proximidades da praia que então coincidiria com o que é hoje o passeio norte da Avenida Luísa Todi, a Fase I detectada na Travessa dos Apóstolos poderá estar representada pela C.11 da Sondagem D, nível no qual foi implantado o Forno I6 e que repousa directamente na formação geológica de base. A análise radiocarbónica de escamas carbonizadas de *Pinus* sp. contidas na mesma camada proporcionou a data, calibrada a 2 sigma, da 1ª metade do século VIII⁴ (Quadro 5).

Infelizmente, essa camada forneceu apenas cerâmica cinzenta orientalizante (NMI=7) e de fabrico manual (NMI=3⁵), o que só nos permite atribuí-la, genericamente, ao período orientalizante. De notar que todas as formas de cerâmica cinzenta presentes nesta camada (Quadro 2) ocorrem no estabelecimento fenício de Abul A; a IIIA possui um perfil que lembra cerâmica do Bronze final.

Na C.11 da Sondagem D verifica-se ainda que a Forma Abul I de cerâmica cinzenta mostra a mesma frequência da Abul II, o que, como referimos anteriormente, não sucede nas Sondagens A-B,

4 - Sobre a discrepância entre as cronologias convencionais ou egeias e as resultantes de análises radiométricas para a Idade do Ferro orientalizante, ver Soares & Arruda, 2016.

5 - Se atendermos ao número total de fragmentos de cerâmica, nota-se que a manual (NF=20) predomina consideravelmente sobre a montada ao torno (NF=12).

Quadro 5 - Rua António Joaquim Granjo, 19. Data obtida para escamas de pinha de *Pinus* sp. provenientes da C.11 da Sondagem D.

Ref. de Lab.	Tipo de amostra	Data ¹⁴ C (BP)	Data calibrada (cal AD) (1σ)	Data calibrada (cal AD) (2σ)
Beta - 441755	Escamas de pinha de <i>Pinus</i> sp.	2570±30	795-770	800-760

Database used INTCAL13: Reimer, P.J. *et al* (2013) – IntCal 13 and Marine 13 radiocarbon calibration curves 0-50000 years cal BP. Radiocarbon 55 (4), p. 1869-1887.

onde a Forma II predomina de modo acentuado.

A Fase I da Travessa dos Apóstolos estaria ausente da sequência observada nas Sondagens A-B; os materiais de que dispomos provenientes destas sondagens, não obstante as reduzidas dimensões das amostras obtidas, sugerem uma ocupação que se teria iniciado em período não anterior ao último quartel do século VII a.C. (em cronologia convencional), com prolongamento pelo VI, podendo mesmo atingir o V a.C. Corresponderia, assim, grosso modo, à Fase II e inícios da Fase III da Travessa dos Apóstolos, à Fase III do Castelo de Alcácer do Sal (escavações de 1979 – Tavares da Silva *et al.*, 1980-81) e ao final da ocupação orientalizante de Abul A (Mayet & Tavares da Silva, 2000).

Com efeito, do nível mais profundo das Sondagens A-B (C.13), com escassa cerâmica, de um modo geral muito fragmentada, foi exumado o prato de engobe vermelho (Fig. 3, nº 1), cuja morfometria, como atrás mostrámos, parece indicar cronologia situada na transição para o século VI a.C. ou ser do 1º quartel deste século. A mesma camada proporcionou ainda um prato de cerâmica cinzenta orientalizante de bordo em S (Fig. 3, nº 3) que, crono-tipologicamente, não invalida aquela proposta de datação, pois aproxima-se da Forma Abul IC1 de cerâmica cinzenta orientalizante, forma que, não obstante surgir logo no horizonte estratigráfico IC de Abul A, atinge o IIC, ou seja, o final deste estabelecimento fenício; está, porém, ausente do santuário do século V de Abul B (Mayet & Tavares da Silva, 2000).

As Cs. 12, 11B e 11A da mesma sequência forneceram alguns elementos que, no âmbito do período orientalizante do Baixo Sado, podemos con-

siderar tardios. Desde logo, o domínio, no que se refere à cerâmica cinzenta orientalizante, dos pratos/taças da Forma Abul II sobre os pratos/taças de bordo em S (Abul I): quase o triplo dos primeiros sobre os segundos. Como assinalámos anteriormente, no estabelecimento fenício de Abul A, verifica-se situação inversa: durante a Fase I a Forma Abul I atinge 57,3% do somatório dos indivíduos da Forma I com os da II, e na Fase II, 55,5%. Pelo contrário, no santuário do século V a.C. de Abul B, a Forma II predomina esmagadoramente.

Alguns (embora escassos) fundos de cerâmica cinzenta orientalizante oferecem carácter evolucionado que os coloca no século VI ou mesmo no V a.C. Assim, nas C.s 12 e 11B das Sondagens A-B surgiram dois exemplares de fundos com pé bem marcado e base ligeiramente côncavo e na C.11A, um fundo de pé bem marcado e base nitidamente côncavo. A C.12 da mesma sondagem ofereceu um presumível *pithos* pintado, cujo fundo é acentuadamente côncavo e provido de *omphalo*, bem como o exemplar nº 36 (Fig. 5) que apresentámos como cerâmica comum e que, no âmbito desta categoria, é afim dos potes do Grupo 10B (variantes *a* e *b*) da Rua dos Correiros, Lisboa (Sousa, 2014). A mesma peça oferece afinidades, por um lado com os *pithoi* evolucionados datáveis, na Sé de Lisboa, da 2ª metade do século VI a.C. (Arruda, 2002, p. 122, Fig. 73, nºs 4 e 5), e, por outro, com as ânforas das Forma 3 do estuário do Tejo, cuja cronologia não parece ser anterior ao século VI a.C. (Sousa & Pimenta, 2014).

Contudo, desconhecemos a presença na RAJG.19 de outros elementos comuns em contextos do século V a.C. do Baixo Sado, como, na cerâmica

cinzenta orientalizante, ou na cerâmica oxidante de “tipo gris”, os pratos de bordo em S de carena alta muito vincada e saliente (cf. p. ex. n^{os} 101, 102, 121 a 123 de Abul B – Mayet & Tavares da Silva, 2000, Figs. 78 e 80), ou os pés anelares.

Na RAJG.19, a categoria cerâmica predominante é a cinzenta orientalizante. O mesmo se verifica na Rua Augusto Flamengo (Tavares da Silva *et al.*, 2014). Na Fase II da Travessa dos Apóstolos, a cerâmica cinzenta, embora não possua a frequência relativa mais elevada, é muito abundante. Por outro lado, a cerâmica de engobe vermelho, igualmente de mesa, é, nos três locais da colina de Santa Maria anteriormente referidos, francamente escassa. Este aspecto, associado às evidências, notadas sobretudo na Travessa dos Apóstolos, de uma ocupação sidérica de carácter marcadamente indígena pode ser explicado recorrendo a factores de natureza económica, locativa e cultural identitária, que teriam levado a população do período orientalizante a preferir, na mesa, cerâmica de cor escura.

Esta hipótese requer, evidentemente, ampla confirmação: por enquanto são reduzidas as amostras de materiais orientalizantes de que dispomos provenientes da colina de Santa Maria, escassez resultante, em grande parte, do facto dos estratos desse período se apresentarem aí muito destruídos devido não só a acções antrópicas, mas também a processos naturais que provocaram profundos abarrancamentos, como a escavação arqueologia na RAJG.19 pôs em evidência.

Catálogo

Cerâmica de engobe vermelho

1 - RAJG.19/332. Sond. A-B. C.13. Prato de bordo em aba sub-horizontal, revestido internamente por engobe vermelho (Munsell 10R 4.5/6), degradado. Pasta de textura xistoide, muito fina (raros e.n.p. visíveis a olho nú) e de cor vermelha (Munsell 2.5YR 5/6). Diâmetro (estimado) da boca (D) = 210mm; Largura (estimada) do bordo(Lb) = 55mm; D/Lb = 3,8.

Cerâmica cinzenta orientalizante

2 - RAJG.19/35. Sond. A-B. C.12. Prato/taça de bordo em S pouco destacado *af.* Abul IA2. Fabrico *af.* Abul A5. Diâmetro interno da boca (Dib) = ca. 200mm; esp. 4mm.

3 - RAJG.19/334. Sond. A-B. C.13. Prato de bordo em S *af.* Abul IC1. Fabrico *af.* Abul A1. Dib = ca. 160mm; esp. 5mm

4 - RAJG.19/33. Sond. A-B. C.12. Prato de bordo em S *af.* Abul IC1. Fabrico *af.* Abul B2. Dib = ca. 310mm; esp. 6mm.

5 - RAJG.19/1084. Sond. D. C.11. Prato de bordo em S *af.* Abul IC1. Fabrico *af.* Abul A1. Dib = ca. 200mm; esp. ca 4mm.

6 - RAJG.19/1086. Sond. D. C.11. Prato de bordo em S *af.* Abul IC1. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 230mm; esp. 4mm.

7 - RAJG.19/4. Sond. A-B. C.12. Prato de bordo em S de carena acentuada *af.* Abul IC2. Fabrico *af.* Abul B2. Dib = ca. 350mm; esp. 7mm.

8 - RAJG.19/488. Sond. A-B. C.11A. Prato de bordo em S e carena acentuada *af.* Abul IC2. Fabrico *af.* Abul B2. Dib = ca. 360mm; esp. ca 6mm.

9 - RAJG.19/24. Sond. A-B. C.12. Prato *af.* Abul IIA1. Fabrico *af.* Abul A1. Dib = ca. 240mm; esp. 5mm.

10 - RAJG.19/827. Sond. D. C.10 (Forno I6). Prato/taça *af.* Abul IIA2. Fabrico *af.* Abul A3. Dib = ca. 230mm; esp. 9mm.

11 - RAJG.19/1051. Sond. A-B. C.11B. Prato *af.* Abul IIB2. Fabrico *af.* Abul B2. Dib = ca. 240mm; esp. 5mm.

12 - RAJG.19/828. Sond. D. C.10B (Forno I6). Taça *af.* Abul IIB2. Fabrico *af.* Abul A1. Dib = ca. 240mm; esp. 6mm.

13 - RAJG.19/1083. Sond. D. C.11. Taça *af.* Abul IIB2. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 240mm; esp. 6mm.

14 - RAJG.19/9. Sond. A-B. C.12. Prato/taça *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul B2. Dib indeterminado; esp. 4mm.

15 - RAJG.19/8. Sond. A-B. C.12. Prato *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul B3. Dib = ca.

240mm; esp. 5mm.

16 - RAJG.19/750. Sond. A-B. C.11B. Taça *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 170mm; esp. 6mm.

17 - RAJG.19/1053. Sond. A-B. C.11B. Taça *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 170mm; esp. 6mm.

18 - RAJG.19/489. Sond. A-B. C.11A. Prato *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul A1. Dib = ca. 180mm; esp. 6mm.

19 - RAJG.19/834. Sond. A-B. C.11A. Taça *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 200mm; esp. 5mm.

20 - RAJG.19/1087. Sond. D. C.11. Prato/taça *af.* Abul IIC1. Fabrico *af.* Abul B1. Dib ind; esp. 3mm.

21 - RAJG.19/1090. Sond. D. C.11. Taça carenada *af.* Abul IIIA. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 120mm; esp. 4mm.

22 - RAJG.19/322. Sond. A-B. C.11B. Urna *af.* Medellín D2. Fabrico *af.* Abul B1. Dib = ca. 280mm; esp. 7mm.

23 - RAJG.19/34. Sond. A-B. C.12. Fundo de base ligeiramente côncava e pé destacado. Fabrico *af.* Abul B1.

24 - RAJG.19/1050. Sond. A-B. C.11B. Fundo de base ligeiramente côncava e pé destacado. Fabrico *af.* Abul B1.

25 - RAJG.19/839. Sond. A-B. C.11A. Fundo de base ligeiramente côncava e pé não destacado. Fabrico *af.* Abul A1.

26 - RAJG.19/840. Sond. A-B. C.11A. Fundo de base nitidamente côncava e pé destacado. Fabrico *af.* Abul A4.

27 - RAJG.19/825. Sond. D. C.10 base. Fundo de base ligeiramente côncava e pé ligeiramente destacado. Fabrico *af.* Abul B3.

Cerâmica “oxidante de tipo gris”

28 - RAJG.19/490. Sond. A-B. C.11A. Forma *af.* Abul IA1 da cerâmica cinzenta orientalizante. Dib = ca. 200mm; esp. 3mm.

29 - RAJG.19/1038. Sond. A-B. C.11B. Forma *af.* Abul IB da cerâmica cinzenta orientali-

zante. Dib = ca. 180mm; esp. 4mm.

30 - RAJG.19/13. Sond. A-B. C.12. Forma *af.* Abul ICI da cerâmica cinzenta orientalizante. Dib = ca. 250mm; esp. 5mm.

31 - RAJG.19/15. Sond. A-B. C.12. Forma *af.* Abul IIC1 da cerâmica cinzenta orientalizante. Dib indeterminado; esp. 4mm.

32 - RAJG.19/943. Sond. A-B. C.11A. Forma *af.* Abul IIC1 da cerâmica cinzenta orientalizante. Dib = ca. 210mm; esp. 4mm.

Cerâmica pintada de bandas

33 - RAJG.19/1041. Sond. A-B. C.12. *Pithos?* Dois fragmentos: um fundo de base acentuadamente côncava com formação onfálica no interior e sem pé destacado (D=120mm; esp. 9-14mm); um fragmento de parede com pintura de bandas de cor vermelha (Munsell 10R 5/6) Pasta fina (raros e.n.p. superiores a 0,5mm) e compacta; fractura regular com zona nuclear cinzenta entre zonas superficiais rosadas (Munsell 10R 6/4); superfícies alisadas de cor bege (Munsell 7.5 YR 6.5/6).

Cerâmica comum ao torno

34 - RAJG.19/321. Sond. A-B. C.11B. Prato de bordo ligeiramente espessado. Pasta grosseira (abundantes e.n.p. entre 0,5mm e 1mm) e compacta. Superfícies: externa alisada e interna bem alisada. Cozedura redutora-oxidante: núcleo anegrado; superfícies castanho-avermelhadas (Munsell 5 YR 4/4), a externa com manchas negras. Dib = ca. 180mm; esp. 7mm.

35 - RAJG.19/833. Sond. D. C.10B. (Forno I6). Tigela de bordo simples. Pasta muito fina (raros e.n.p. visíveis a olho nú) e compacta. Superfícies alisadas. Cozedura oxidante: núcleo e superfícies acastanhadas (Munsell 7.5 YR 5/4 e 6/4, respectivamente). Dib = ca. 180mm; esp. 4mm.

36 - RAJG.19/333. Sond. A-B. C.12. Pote(?). Este fragmento pode, por outro lado,

ter pertencido a uma ânfora da Forma 3 do Estuário do Tejo (Sousa & Pimenta, 2014) ou a um *pithos* evolucionado como alguns identificados na Sé de Lisboa (Arruda, 2002). Bordo com espessamento externo de secção triangular, encurvado para o exterior. Pasta muito fina (raros e.n.p. visíveis a olho nú) e compacta; fractura concoidal. Superfícies bem alisadas. Cozedura oxidante: núcleo e superfícies de cor rosada a bege (Munsell 5YR 6/4). Dib = ca. 150mm; esp. 7mm.

37 - RAJG.19/319. Sond. A-B. C.11A. Recipiente fechado com colo alto e cilíndrico, encimado por bordo com espessamento externo de secção rectangular, formando aba. Pasta fina (raros e.n.p. superiores a 0,5mm). Superfície externa com zonas verticais brunidas; superfície interna alisada. Cozedura oxidante: núcleo e superfícies rosadas (Munsell 2.5 YR 6.5/6). Dib = ca. 90mm; esp. 6mm.

Ânforas

38 - RAJG.19/331. Sond. A-B. C.13. Asa de secção circular, contorno ligeiramente em orelha. Pasta muito fina (escassos e.n.p. visíveis a olho nú), compacta. Superfícies alisadas. Cozedura oxidante: núcleo de cor vermelha (Munsell 10R 5/6); superfície externa vermelho-amarelada (Munsell 5YR 6.5/6); superfície interna vermelha (Munsell 10R 5.5/6).

Cerâmica manual

39 - RAJG.19/492. Sond. A-B. C.11A. Taça em calote de bordo simples e lábio convexo. Pasta muito grosseira (abundantes e.n.p. superiores a 1mm) e compacta. Superfícies bem alisadas. Cozedura redutora-oxidante: núcleo negro e superfícies castanho-avermelhadas (Munsell 5YR 5/3). Dib = ca. 120mm; esp. 5mm.

40 - RAJG.19/491. Sond. A-B. C.11A. Taça em calote de bordo simples e lábio convexo-aplanado. Pasta grosseira (abundantes e.n.p.

entre 0,5 e 1mm) e compacta. Superfícies alisadas. Cozedura oxidante: núcleo e superfícies vermelho-acastanhados (Munsell 5YR 4.5/6). Dib = ca. 220mm; esp. 9mm.

41 - RAJG.19/1089. Sond. D. C.11. Taça em calote (?) de bordo simples e lábio convexo-aplanado. Pasta muito grosseira (abundantes e.n.p. superiores a 1mm) e pouco compacta. Superfícies alisadas. Cozedura redutora-oxidante: núcleo negro e superfícies vermelho-acastanhadas (Munsell 5YR 5/3). Dib = ca. 200mm; esp. 7mm.

42 - RAJG.19/1085. Sond. D. C.11. Recipiente aberto de bordo com espessamento externo pouco acentuado. Pasta grosseira (abundantes e.n.p. entre 0,5 e 1mm) e compacta. Superfícies alisadas. Cozedura redutora-oxidante: núcleo negro e superfícies castanho-avermelhadas escuras (Munsell 10R 5/5). Dib = ca. 300mm; esp. 8mm.

43 - RAJG.19/942. Sond. A-B. C.11A. Recipiente aberto de parede e bordo muito inclinados para o exterior. Bordo com ligeiro espessamento interno de secção triangular. Pasta muito grosseira (abundantes e.n.p. superiores a 1mm) e pouco compacta. Superfícies alisadas. Cozedura redutora-oxidante: núcleo negro e superfícies castanho-avermelhadas (Munsell 5YR 5/4). Dib = ca. 250mm; esp. 8mm.

44 - RAJG.19/835. Sond. A-B. C.11A. Esferoidal/ovoide de bordo simples e lábio convexo-aplanado, muito inclinado para o interior. Pasta muito grosseira (abundantes e.n.p. superiores a 1mm). Superfícies alisadas. Cozedura oxidante: núcleo e superfícies de cor castanho-escura (Munsell 7.5 YR 4/3). Dib = ca. 300mm; esp. 9mm.

45 - RAJG.19/1088. Sond. D. C.11. Recipiente fechado de bordo extrovertido, formando colo côncavo. Pasta grosseira (abundantes e.n.p. entre 0,5 e 1mm) e compacta. Superfície externa alisada e interna mal alisada. Cozedura redutora: núcleo e superfícies anegradas. Dib = ca. 140mm; esp. 6mm.

46 - RAJG.19/832. Sond. D. C.10. Recipiente fechado de bordo extrovertido e colo côncavo.

vo. Pasta muito grosseira (abundantes e.n.p. superiores a 1mm) e pouco compacta. Superfícies mal alisadas. Cozedura redutora: núcleo e superfícies anegrados. Dib = ca. 260mm; esp. 5mm.

Referências bibliográficas

- Arruda, A.M. (2002) – *Los Fenicios em Portugal. Fenícios y mundo indígena em el centro y sur de Portugal (siglos VII-VI a. C.)* (Cuadernos de Arqueología Mediterránea, 5-6). Barcelona: Laboratorio de Arqueología, Universidade Pompeu Fabre.
- García Huerta, R; Javier Morales, F; Velez, J.; Soria, L.; Rodriguez, D. (2006) – Hornos de pan en la Oretania septentrional. *Trabajos de Prehistoria*, 63 (1), p. 157-166.
- Jimenez Ávila, J.; Ortega Blanco, J. (2001) – El poblado orientalizante de El Palomar (Olivida de Mérida, Badajoz). Noticia preliminar. In D. Ruiz Mata e S. Celestino Pérez (ed.), *Arquitectura oriental y orientalizante en la Península Ibérica*. Madrid: Centro de Estudios del Proximo Oriente, p. 227-248.
- Lorrio, A.J. (2008 a) – Cerámica gris. In M. Almagro-Gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II – Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 673-723.
- Lorrio, A.J. (2008 b) – Cerámica oxidante de “tipo gris”. In M. Almagro-Gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II – Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 663-672.
- Mayet, F.; Tavares da Silva, C. (2000) – *L'établissement phénicien d'Abul (Portugal). Comptoir et sanctuaire*. Paris: D.E. de Boccard.
- Pellicer Catalán, M. (1978) – Tipología y cronología de las ânfores pré-romanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*, 9, p. 365-400.
- Reimer, P. J.; Bard, E.; Bayliss, A.; Beck, J. W.; Blackwell, P. G.; Bronk Ramsey, C.; Grootes, P. M.; Guilderson, T. P.; Hafliðason, H.; Hajdas, I.; HattĹ, C.; Heaton, T. J.; Hoffmann, D. L.; Hogg, A. G.; Hughen, K. A.; Kaiser, K. F.; Kromer, B.; Manning, S. W.; Niu, M.; Reimer, R. W.; Richards, D. A.; Scott, E. M.; Southon, J. R.; Staff, R. A.; Turney, C. S. M.; van der Plicht, J. (2013) – IntCal13 and Marine13 Radiocarbon Age Calibration Curves 0-50,000 Years cal BP. *Radiocarbon*, 55(4).
- Soares, A. M.; Arruda, A. M. (2016) – A cronologia de radiocarbono para a Idade do Ferro Orientalizante no território português. Uma leitura critica dos dados arqueométricos e arqueológicos. *Iber-Crono. Actas del Congreso de Cronometrias para a História de la Península Ibérica*. Barcelona, p. 235-259.
- Soares, J.; Tavares da Silva, C. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal. Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (Setúbal, 1985)*. Lisboa: Instituto Português do Património Cultural, p. 87-101.
- Sousa, E. de (2014) – *A ocupação pré-romana da foz do estuário do Tejo*. Lisboa: UNIARQ.
- Sousa, E. de; Pimenta, J. (2014) – A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In R. Moraes, A. Fernández, M. J. Sousa (eds.). *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia*. Porto: Universidade do Porto, 1, p. 303-316.
- Tavares da Silva, C. (2001) – A Idade do Ferro na região do Baixo Sado. Contribuições recentes. *Arqueologia e História regional da Península de Setúbal*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 79-100.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Beirão, C.M.; Ferrer Dias, L.; Coelho-Soares, A. (1980-1981) – Escavações arqueológicas no castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*, 6-7, p. 149-218.
- Tavares da Silva, C.; Soares, J.; Coelho-Soares, A.; Duarte, S.; Godinho, R. (2014) – Preexistências de Setúbal: 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, n.ºs. 10-12. Da Idade do Ferro ao Período Medieval. *Musa*, 4, p. 161-214.
- Torres Ortiz, M. (2008) – Urnas de tipo Cruz del Negro. In M. Almagro-Gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II – Estudio de los hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 631-654.

